

OS PROFESSORES E O PROCESSO EDUCACIONAL DO OPERARIADO NO SERTÃO DE ALAGOAS. A EXPERIÊNCIA DO NÚCLEO FABRIL DA PEDRA (1902 – 1926)

Edvaldo Francisco do Nascimento
ef-nascimento@bol.com.br

RESUMO

Este texto constitui o relatório de uma pesquisa cujo tema central é o processo educacional desenvolvido no núcleo fabril da Pedra, situado no alto sertão de Alagoas. Considerando o período que vai de 1902 a 1926, em que ocorre a montagem de uma usina hidrelétrica e uma fábrica de linhas de coser, no sertão Alagoano, o estudo analisa, o processo de socialização de trabalhadores rurais e o papel dos professores na formação de trabalhadores para a vida urbana e fabril. Esse processo de incorporação de massas rurais à indústria, denominado, frequentemente, como “processo civilizatório”, por conta de ser tomado como modelo desejável de mentalidade e conduta para o operariado, aquele adotado pela indústria europeia e estadunidense, e que eu designo aqui como “educacional”, é considerado levando-se em conta as políticas educativas desenvolvidas na Pedra, as quais são vistas à luz das ciências sociais e da pedagogia, tematizadas e postas em prática no Brasil no mesmo período. É feita, nesse trabalho, a análise de princípios e práticas escolares, e do papel dos professores a par da imposição de novos hábitos e os modos de torná-los efetivos, buscando entender seus efeitos sobre o próprio sertão e seus habitantes, no contexto da República Velha.

PALAVRAS-CHAVE: processo civilizatório – educação - sertão alagoano.

IINTRODUÇÃO

A implantação de uma usina hidroelétrica e uma fábrica de linhas - localizadas no sertão do Estado de Alagoas, foi acompanhada da instituição de escolas e da imposição de novos hábitos, o que levou o núcleo fabril da Pedra, a ser utilizado por muitos visitantes para propaganda deste espaço de sertão no nordeste brasileiro como modelo de civilização e trabalho, graças, segundo eles, ao processo “educacional e civilizatório” que tinha ali sido implantado.

Era a crença no progresso e na ciência que empolgava, principalmente, setores republicanos e intelectuais, influenciados por ideias e modelos de desenvolvimento americano e europeu, a referência que informava as notícias e as análises feitas pelos visitantes da Pedra e até por participantes do empreendimento.

Assim, a instituição escolar e o professor tiveram papel fundamental na formação do operariado sertanejo, no núcleo fabril da Pedra, exercendo funções seja para realização de processo de controle social, seja para propagação de ideias republicanas, seja no preparo de mão de obra para a indústria têxtil.

Enquanto no sertão o problema da instrução pública, demonstrava o desprezo com que o Governo Republicano tratava a instrução popular chegando o Brasil, ao índice de 90% da população analfabeta. Esses números eram ainda maiores no Estado de Alagoas e o número de escolas existentes era insuficiente para atender à demanda da população a ser escolarizada.

Enquanto os índices educacionais apresentados demonstram que a escola era uma realidade ainda distante para o povo sertanejo no núcleo fabril existiam oito escolas e sua população em processo de escolarização. Na verdade, estas funcionam, num primeiro momento, como processos educativos dominantes, enquanto, métodos de violência com que muitas vezes impunha as regras de conduta, a educação escolar não fazia efeito na definição de modos condizentes com a disciplina que ele esperava dos que trabalhavam na fábrica ou viviam dentro do perímetro que constituía o núcleo fabril. Assim, tanto a educação escolar como os procedimentos para alcançar, dos adultos, “procedimentos civilizados”, passaram a ser vivenciados por viventes do sertão alagoano.

DESENVOLVIMENTO

Ao analisar a instituição, o funcionamento, o papel das escolas e dos professores no núcleo fabril da Pedra, bem como o modo de portar-se em suas casas e no núcleo, a proibição ao uso de chapéu dentro das residências, o controle rígido do horário de funcionamento do comércio, a imposição de hábitos de higiene, a regulamentação da venda e do consumo de bebidas alcoólicas na vila e nas suas proximidades, a proibição dos namoros não autorizados, dos jogos de azar, de fumar cachimbo em público, do uso de xale pelas mulheres, percebe-se um verdadeiro programa pedagógico para cuja desobediência existiam severas punições, existindo, por outro lado, aos obedientes premiações. Para Correia, aqueles modos de definir e impor regras de conduta,

as restrições da liberdade e as violências extremas a que eram submetidos os trabalhadores em Pedra [...], longe de ser uma contingência do meio sertanejo, como querem alguns autores, ou de meros resquícios de um passado escravagista, eram amplamente solidários com a ordem burguesa e com o ideário liberal. (CORREIA, 1998, p. 261)

Concordando com essa leitura de Telma Correia, ao tempo em que busco rastrear os modos de “civilizar”, em tudo condizentes com o autoritarismo que caracterizava uma busca de liberdade nos moldes já apregoados por Locke nos primórdios da modernidade – que significava liberdade para a propriedade, a produção e o comércio -, chama-me, porém, a atenção a preocupação de industriais com a manutenção de escolas, cujos resultados deveriam ser esperados, ao menos, para o médio prazo. No núcleo fabril da Pedra, segundo Menezes,

[...], escolas eram fundadas em diversos pontos da vila, não só para os filhos dos operários, mas também para os filhos dos estranhos ali residentes. Escolas mantidas pela empresa, se bem que regidas por professoras leigas, sem preparo suficiente para o desempenho da alta missão de que eram incumbidas, mas capazes de ensinar aos meninos os primeiros rudimentos do alfabeto, ou de habilitá-los a escrever o próprio nome, a soletrar as palavras mais conhecidas, a resolver as quatro operações fundamentais da aritmética. Era pouco, mas representava muito para meninos analfabetos e sem possibilidades de aprender, por falta absoluta de escolas. (1991, p. 82)

Sendo a frequência às aulas diurnas obrigatórias aos filhos dos operários, e as noturnas aos adultos, havia escolas para o ensino de disciplinas superiores ao curso primário, bem como o ensino de habilidades domésticas e trabalhos manuais para as moças (SANTOS, 1947, p. 37).

À instrução escolar no núcleo fabril da Pedra fazia parte da estratégia dos proprietários em dar ênfase à educação como forma de reformar o povo pobre do sertão, enquanto essa ação de escolarizar assumia uma função profilática do ponto de vista social. Até porque no final do século XIX e primeiras décadas do século XX propagou-se, principalmente “entre patrões, homens letrados, a idéia de que o vício, a depravação, e a falta de religião estavam se expandindo entre os pobres.” (CORREIA, 1998, p. 13)

Cabia ao inspetor do ensino escolar no núcleo fabril a tarefa de acompanhar o cumprimento das suas determinações para o atendimento escolar às crianças, acompanhando este a realização das tarefas educativas pelos professores nas escolas do núcleo fabril sertanejo. Ao fiscal cabia acompanhar a frequência dos estudantes, de repreender os pais dos faltosos, de punir os que descumprissem as determinações do patrão, de contratar professores e professoras, de comprar o material escolar: (cadernos, lápis, borracha, cartilhas, etc.), e de acompanhar os exames finais realizados pelas professoras, ao final de cada ano letivo. Muitas vezes, a Companhia fornecia roupas e calçados para as crianças cujos pais não tinham condições de comprá-las.

No núcleo fabril da Pedra funcionavam, as seguintes escolas: o Externato Mixto S. João, a Escola Ruy Barbosa, a Escola 13 de Maio, a Escola 15 de Novembro, a Escola 7 de Setembro, a Escola Rio Branco e a Escola José de Alencar; além do cine Pedra.

A obrigatoriedade da frequência e a quantidade de escolas existentes na Pedra demonstram que a escola, além de instrumento para prevenir a ociosidade e ressaltar o amor ao trabalho como instrumento de regeneração, teve função no preparo também das crianças para a indústria têxtil, pois, os estudantes “nela, recebiam os conhecimentos e as instruções básicas para se converterem nos futuros operários eficientes, sóbrios, obedientes e disciplinados desejados pela fábrica.” (CORREIA, 1998, p. 247) Se esses saberes não eram especificamente técnicos, os modos de serem conduzidos, somados ao desenvolvimento intelectual, pelo domínio da leitura, da escrita e do cálculo, já eram de grande valia para uma mão de obra oriunda do mundo agrário que se engajava muito cedo na força de trabalho.

Conforme depoimento de Pedro Mendes Cardoso, no núcleo,

Tinha escola todo dia, um professor do governo, pelo Estado, e tinha professoras também á noite, tinha escola noturna. O menino que trabalhava pelo dia ia pra escola á noite, pago pela Companhia [...] (apud SARNO, 2006, p. 60)

O núcleo fabril da Pedra estava dentro de um perímetro que foi cercado pelo proprietário para que, no raio da cerca, suas ordens e seu comando fossem absolutamente cumpridos.

O processo de incorporação do sertanejo aos processos educacionais e civilizatórios praticados na Pedra, como não podia deixar de ser, também envolvia atividades cívicas e comemorativas. Assim, datas como a Independência do Brasil e a Proclamação da República eram comemoradas pela Cia. Agro Fabril, tendo uma efetiva participação dos professores e alunos das escolas do núcleo fabril. Tematizavam os professores a exaltação à República, à independência do Brasil, cantavam-se os hinos da bandeira e nacional, e desfilava-se pelas ruas do núcleo nos dias cívicos, conforme se pode comprovar pelo “Correio da Pedra”, de 7 de Setembro de 1922.

O Correio da Pedra, semanário mantido pela fábrica de linhas divulgava os exames finais realizados nas escolas da Pedra. Segue, para mostrar o valor que ali se dava à escola, o quadro publicado no jornal com lista nominal e resultado de avaliação:

TABELA 2 - Dados referentes às escolas, professores e alunos, classes, conceitos nas escolas no Núcleo Fabril da Pedra em 1924

Escola	Professora	Classe	Alunos (as)	Nota / Conceito
<i>Externato mixto S. João,</i>	Regido pela professora titulada d. Arminda Braga:	2 - classe de adiantamento	Jack Boardman;	Distincção
		3 - classe de adiantamento	José Alves de Oliveira;	Distincção
		3 - gráo,	José Aloysio Campos;	Distincção
			José Corrêa Filho; Hamilton Coelho;	Distincção louvor
<i>Escola Ruy Barbosa</i>	Regida pela professora senhorita Maria da Conceição Lima:	2- gráo.	Helena vieira , Isabel Santos;	Plenamente
		1- gráo,	Maria José Correia, Maria de Lourdes Coelho Maria Rachel Missano Maria Anunciada Marques, Virgina Santos, Luiza Soares de Oliveira, distincção; Maria Emilia Telles, Alayde Malta, Etelvina Gomes;	Plenamente
		2- classe de adiantamento,	Lydia Borella, Dalva Malta, Afra Telles,	Distincção
		1- classe de adiantamento,	Eulalia Silva, Maria José Ribeiro, Laura B. Nunes, Maria Corrêa, Coralía Telles, Beatriz Carvalho e Maria José Gomes; Maria José Lima Santos e Narciza Marques;	Plenamente, Distincção
<i>Escola 13 de Maio</i>	Regida pela professora Leopoldina Luz	2- gráo	Celina Fortes, Maria Araujo Santos, Marcionilla Silva; Alice Alves e Maria das Dores Costa;	Distincção Plenamente
		1- gráo	Maria Soares	Distincção

			<p>Maria Souza</p> <p>classe de adeantamento</p> <p>Maria dos Prazeres</p>	<p>Plenamente</p> <p>Distincção</p>
<i>Escola 15 de Novembro</i>	Regida pela professora Francisca Costa	<p>3- grão,</p> <p>2- grão</p> <p>1- grão</p> <p>Classe de adeantamento,</p>	<p>Elisa Gonçalves, Elisa Firmino, Jocelina Feitosa, Benones Costa e Ritta Gomes,</p> <p>Isaura Thereza da Silva, Maria Sant' Anna, Maria do patrocínio, raymunda Rosa e Maria José Nascimento, distincção;</p> <p>Maria das Dores, Josepha Freire, Constança Oliveira, Noemia Gonçalves, Maria S. Pedro e Maria Gomes, distincção; Erundina Souza</p> <p>Aracy da graça,</p> <p>Erothildes Conceição, Maria de Lourdes Torres, Amelia Torres, Isabel Conceição e Geraldina Lima,</p>	<p>Distincção;</p> <p>Plenamente.</p> <p>Distincção;</p> <p>Plenamente.</p>
<i>Escola 7 de Setembro</i>	Regida pela professora M. Adelia Brandão de Carvalho	<p>3- grão,</p> <p>2. Grão</p> <p>1.Grão,</p> <p>Classe de adeantamento,</p>	<p>Maria Aurelina Brandão de Carvalho. Maria José Brandão de Carvalho, Maria Emilia Pereira, Maria Cavalcante de Souza, Maria de Lourdes Bandeira;</p> <p>Luiza Miranda, Maria das Dores Oliveira, Maria Leonor da Silva;</p> <p>Maria Rosa Correia;</p> <p>Eulalia Correia Lima;</p> <p>Anathalicia Marques de Oliveira;</p>	<p>Distincção</p> <p>Distincção</p> <p>Distincção</p> <p>Plenamente</p>

				Plenamente.
<i>Escola Rio Branco</i>	Regida pelo professor Theodoro Coelho	3. Gráo	, Elisio Souza e Aureliano Vieira	Plenamente.
		2. gráo,	José Antonio e Casemiro Pereira Souza, Mario Pereira e José Ferreira Lima,	Distincção
		1. gráo,	Ambrosio Francisco e Antonio Barbosa Gomes, João Dantas, Lino Correia Lima, Diogenes Silva Enoch Vieira,	Plenamente Distincção
		Classe de adeantamento,	José Cyriaco, Odon Gonçalves, José Araujo, Cicero Vieira e Acacio Silva,	Plenamente Distincção
				Plenamente
<i>Escola José de Alencar</i>	Regida pela professora Julia Bandeira	3. gráo	Alice Almeida e Silva	Distincção
			Maria Ricalina da Encarnação,	Plenamente
		2. gráo	Viloeta Lisboa, Victalina Souza e Lenir Sá Pereira,	Distincção
		1. gráo	Maria Malta Lima, Olivia Ferreira Pontes, Edith Bandeira, Laura Vasconcellos e Maria Magdalena Pereira, Rita Gomes Barbosa,	Distincção Plenamente
		Classe de adeantamento,	Maria José lima e Laurinda Alves da silva, Maria Anunciada da Silva, Maria Anunciada Lisboa, Alzira Gomes da Silva, Guilhermina Gomes Barbosa,	Plenamente.

Fonte: CORREIO DA PEDRA, 1924.

Como foi possível perceber, no que diz respeito à Pedra, ao “meio formador presidia um conjunto de temas mobilizados nesta obra de regeneração social dos pobres que as classes dominantes se dispuseram a empreender” (CORREIA, 1998, p. 10).

No final do século XIX e nas primeiras décadas do XX, “as vilas eram tidas como um ambiente ideal para uma pobreza honesta, sadia, pacífica e obreira” (CORREIA, 1998, p. 10), de modo que, no nosso caso, dá para perceber que

Pedra foi concebida como um lugar de trabalho; como um espaço pensado para favorecer a produção de mercadorias e a produção de uma força de trabalho capacitada para o trabalho industrial e conduzida para respeitar o patrão e suas propriedades. (ibidem, p. 206):

No núcleo fabril da Pedra, segundo Telma Correia,

[...] onde tudo conspirava para converter o morador em indivíduo providente, ordeiro, metódico, trabalhador e obediente. Tal esforço comportou ações voltadas para o controle do movimento das pessoas e dos contatos entre elas, para a supervisão do consumo, para a introdução de novas formas de perceber e gerir o tempo, para a promoção do lazer regrado e da educação, para a alteração dos hábitos e dos cuidados com o corpo e com as casas. A fixação de normas determinando horários para as atividades, prescrições morais, regras de higiene, proibição do consumo de bebidas e interdição de hábitos considerados impróprios e maneiras julgadas indecentes ou insolentes foram algumas medidas adotadas. Neste projeto de construção de um novo trabalhador, estratégias de convencimento foram acompanhadas por medidas puramente repressivas. (CORREIA, 1998, p. 206-207)

Pedra, um núcleo fabril no alto sertão alagoano em razão da presença de técnicos brasileiros e estrangeiros e facilidades de locomoção para a época, mantinha contato com as grandes cidades e as notícias dos acontecimentos chegavam, tanto pelos visitantes, como pelos escritos.

Para controlar os moradores da Pedra com resultados imediatos, já que a necessidade de tocar a usina elétrica e a fábrica se fizeram com relativa urgência, estabeleceu-se medidas “educativas” e “disciplinares” que podiam ser de multas, castigos físicos e repreensões severas até punições mais rigorosas como a expulsão do núcleo, obrigando, assim, os operários a realizarem suas funções com zelo e atenção. Para estimular os moradores no cumprimento das suas ordens, também oferecia incentivos, utilizando, num certo sentido, a mesma pedagogia empregada com as crianças.

Os métodos adotados em Pedra não foram diferentes dos adotados no resto do Brasil, nos Estados Unidos e Europa, pois, era comum a estes “[...] a igual violência ao

operar transformações radicais no cotidiano dos indivíduos, de modo a adaptá-los ao trabalho fabril.” (CORREIA, 1998, p. 15) Tudo era pensado para favorecer aos regulamentos e ao controle do cotidiano dos moradores.

As multas, as repreensões, e até as punições como exposição à humilhação e violência física praticadas faziam os funcionários trabalharem com o máximo de zelo para não cometerem falta, procurando realizar suas funções com agilidade e perfeição.

Conforme tabela abaixo, podemos considerar que em cada rua da vila operária existia uma escola, enquanto outros municípios sertanejos não tinham, sequer, o mesmo número de escolas que o núcleo fabril:

TABELA 03 – Escolas existentes no sertão de Alagoas em 1921

MUNICÍPIO	TOTAL DE ESCOLAS	DISTRIBUIÇÃO DAS ESCOLAS	POPULAÇÃO EM 1920
Água Branca	12 Escolas públicas de instrução primária	04 na sede – 03 isoladas	20.361
		01 subvencionada	
		06 na Pedra – subvencionadas (grifo meu)	
		01 na Várzea do Pico - subvencionada	
		01 em Pariconha - subvencionada	
Pão de Açúcar	09 escolas públicas de instrução primária	04 na sede	21.812
		01 em Limoeiro	
		01 em Campo Grande	
		01 em Jacarandá	
Paulo Afonso ¹	09 escolas públicas de instrução primária	03 na sede	21.516
		01 em Almeida - subvencionada	
		01 em Bangüê - subvencionada	
		01 em Inhapi - subvencionada	
		01 em Sabonete - subvencionada	
		01 em Caraíbas - subvencionada	
		01 em Morada - subvencionada	
Piranhas ²	04 escolas públicas de instrução primária	02 na vila	3.476
		01 em Entremontes	
		01 em Olho D’Água	
Santana do Ipanema	05 escolas públicas de instrução primária	02 na sede	40.324
		01 em Poço das Trincheira	
		01 em Sertãozinho	
		01 em Olho d’Água do Cajueiro - subvencionada	

FONTE – MARROQUIM, 1922, p. 69-163

¹ Este município tem hoje o nome de Mata Grande.

² Das 4 escolas de Piranhas, 3 eram de entrância e uma subvencionada, entendendo-se que o professor de entrância era do quadro permanente do Estado, enquanto os subvencionados recebiam dos cofres estaduais sem que tivessem estabilidade no cargo, podendo estes serem comparados com os professores monitores.

Se, em seus aspectos gerais, não conseguiu a República proporcionar a instrução pública mesmo nas grandes cidades para a grande maioria do povo, e se nem mesmo cidades e Estados³ “desenvolvidos” como São Paulo não tinham um sistema de ensino público que atendesse a toda a população é de se imaginar o estado em que se encontrava a educação no interland nacional e alagoano que estava submetido aos interesses dos coronéis e chefes políticos municipais e estaduais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo educacional posto no sertão, especificamente no núcleo fabril da Pedra, trouxe ao sertão e ao sertanejo o acesso à educação escolar ainda distante da maioria dos demais viventes do sertão alagoano, pelas mãos de um empresário que, prevalecendo-se da ausência do Estado, tomou a iniciativa de criar e desenvolver, a seu modo, um projeto educacional e “civilizatório”, ainda que tenha sido para atender a seus interesses empresariais.

Desta forma, a educação desenvolvida no núcleo fabril da Pedra em processo de industrialização, por meio de processos educacionais, causava espanto, enquanto apontava para o ideal de civilização que viria a ser pregado e perseguido até pelos esclarecidos intelectuais que passaram para a nossa história como “os Pioneiros da Escola Nova” e para os quais a educação – o letramento, em especial – representava o instrumento de redenção do Brasil.

As ações educacionais, objetivavam, preparar mão de obra rural sertaneja para a indústria, o que resultou em a Pedra ser transformada em referencia de “ordem e progresso” que se traduziria em “civilização”, ainda que para isso grande violência moral e física tivesse que ser empregada, mediante o emprego de uma pedagogia behaviorista que premiava o desejável e punia exemplarmente o que era preciso.

Importa ressaltar que, se nos tratados e escritos sobre a pedagogia – aqui e em outras sociedades – a educação tende a ser considerada sob a perspectiva de acesso à escolarização, nesse estudo ela foi ressignificada, assim como o próprio conceito de sertão e de sertanejo, e até de República, de modo a se perceber a chamada “*ação civilizatória*” empreendida no sertão de Alagoas.

³ Para verificar o que o Estado de Alagoas despendeu com a Instrução Pública na década de XX, vejamos dados levantados por Craveiro Costa. (2011, p. 76) Em 1921 e 1922, o Estado investiu 15% das suas rendas com a Instrução Pública; em 1923, essas despesas baixaram para 10%; em 1924, para 9%; em 1925, elevou-se um pouco, em relação ao ano anterior, 10%; em 1926, a despesa correspondeu a 13%; em 1927, a 14%; em 1928, baixou para 11%; em 1929, decresceu para 9% e em 1930 elevou-se para 14%.

Conduzindo meu estudo pelos caminhos acima assinalados, consegui perceber, com maior clareza, como os sertanejos e as sertanejas se converteram de trabalhadores rurais e artesãos, em operários fabris da Fábrica de Linhas da Pedra.

Desse modo, o processo educacional corrido no núcleo fabril da Pedra contribuiu decisivamente para que o sertão brasileiro deixasse de representar apenas o *hinterland* da Nação Brasileira, visto como espaço de barbárie, resistente ao moderno, afastado do poder público, em contraponto ao litoral, lugar do moderno e da civilização, para se integrar definitivamente na paisagem nacional como espaço viável ao novo e ao humanamente aceitável.

Aqui, tomando tudo isso e buscando, mais do que uma conclusão, abrir a possibilidade de novas questões focadas na educação escolar e o papel dos professores no processo de industrialização do sertão alagoano

REFERÊNCIAS

ALAGOAS COLEÇÃO DE LEIS E DECRETOS DO ESTADO DE ALAGOAS. Decreto N^o. 499 de 20 de setembro de 1910. Isenta de impostos a Cia. Agro Fabril Mercantil. 1901/1910. Vol. I. (Coletânea Diária Oficial do Estado).

ALAGOAS COLEÇÃO DE LEIS E DECRETOS DO ESTADO DE ALAGOAS, Decreto N^o. 503 de 30 de novembro de 1910. Concede o direito de usar por 90 anos a força hidráulica do rio São Francisco. 1901/1910. Vol. I. (Coletânea Diária Oficial do Estado).

ALAGOAS. COLETÂNEA DE FALLAS, RELATÓRIOS E MENSAGENS PROVINCIAIS DE ALAGOAS – 1855-1930. CD-Rom organizado por Luiz Nogueira. Vol. I e II. s/d.

BARTELT, Dawid Danilo. **Sertão, República e Nação**; tradução de Johnannes Krestschmer ; Raquel Abi- Sâmara. – São Paulo Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

BLOC, Marc Leopold Benjamin, 1886-1944. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador.** Prefácio Jacques Lê Goff; apresentação a edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz, tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: Plano e cotidiano operário no sertão.** Campinas, SP: Papius, 1998. (Serie Ofício de arte e forma).

COSTA, João Craveiro. **Instrução Pública e Instituições Culturais de Alagoas & Outros Ensaios**; Coordenação editorial, apresentação, notas biobibliográficas de Elcio Gusmão Verçosa, Maria Loiola das Graças Madeira. – Maceió : EDUFAL, 2011

História das Alagoas: resumo didático. reimpressão; Maceió. SERGASA, 1983.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**; tradução da versão inglesa, Ruy Jungmann; revisão, apresentação e notas, Renato Jeanine Ribeiro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. 2v.

Jornal “**Correio da Pedra**”, vila da Pedra, coleção completa de 1918 a 1930. Hemeroteca do IHGA.

MARROQUIM A. – **Terra das Alagoas**, Roma Editora Maglione & Strini – Succ. E. Loescher 1922, Edição Fac – Similar Brasil 2000.

MARTINS, F. Magalhães. **Delmiro Gouveia: pioneiro e nacionalista**. 2. ed. Revista e atualizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. (Coleção Retratos do Brasil; v. 17).

MENEZES, Hidelbrando. **Delmiro Gouveia: (vida e morte)**. Apresentação de Paulo Cavalcanti. Recife: CEPE, 1991. 141 P. : il., retrs.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira república**. São Paulo, EPU; Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar, 1974, 1976 REIMPRESSÃO.

SANTOS, Adolpho. **Delmiro Gouveia**: Depoimento para um estudo biográfico. Recife, 1947. mimeo., 44pp.

SARNO, Geraldo. **Cadernos do Sertão**. Salvador. Núcleo de Cinema e Audiovisual, NAU, 2006, 216 p. 22 x 21 cm, il.

VERÇOSA, Elcio de Gusmão. **Cultura e Educação nas Alagoas: história, histórias**. prefácio a 4. edição: Cícero Pércles de Carvalho; apresentação: Maria Lucia Montes. 4 ed. Maceió: EDUFAL, 2006.

.